

SENGHOR E PORTUGAL

CONFERÊNCIA PROFERIDA POR JEAN-RENÉ BOURREL NA FUNDAÇÃO PORTUGAL-ÁFRICA, PORTO, A 30 DE MARÇO DE 2006

Isabelle Tulekian e Luísa Álvares
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto
Portugal

À memória de Humberto Luís Barahona de Lemos

Numa das últimas cartas que enviou à sua biógrafa americana, Janet Vaillant, Léopold Sédar Senghor recorda sem rodeios: “*Sou um mestiço senegal-português*”¹. Assim, o teórico moderno da “*mestiçagem cultural*” apresenta-se como um “*euro-africano*”, herdeiro das tradições convergentes senegalesa e portuguesa.

Evocar as suas relações com Portugal e com aquilo a que chama “*a lusitanidade*” significa portanto adoptar a atitude defendida pelo próprio Senghor na sua busca apaixonada da “*negritude*”: é preciso “*mergulhar até às raízes da raça*” e voltar às origens do ser², para examinar em seguida as suas afinidades com a cultura e a “*alma portuguesa*”, antes de situar a relação com Portugal e as culturas lusófonas na sua concepção da “*única civilização humana possível: a civilização do Universal*”³.

Antes de ir mais longe, devo sublinhar que o meu objectivo é menos biográfico que literário: vou tentar redescobrir, à luz da “*Mensagem*” lusitana, para usar as suas

¹ *et Africain*. Paris, Lúisões Kailash, 2000, p. 750.

² Durante toda a vida, Senghor fará de uma citação tirada de um romance de Claude MAC KAY, *Banjo* (1928), um preceito de vida: “*Mergulhar até às raízes da nossa raça e construir sobre o nosso próprio território não é regressar ao estado selvagem. É a verdadeira cultura.*” Citada pela primeira vez a 10 de Setembro de 1937, por altura da conferência proferida na Câmara de Comércio de Dacar sobre o tema “O problema cultural na AOF”, a frase aparece outra vez no último ensaio que Senghor publica, em 1988, *Ce que je crois* (pp. 139 e 161). Quanto ao retorno às fontes, é uma metáfora do regresso às origens utilizada com predilecção por Senghor. Cf. o título dado ao posfácio de *Ethiopiennes*: “*Comme les lamantins vont boire à la source*”. *Oeuvre poétique*, edição de 1990 (doravante designada pela sigla OP), pp. 155-168.

³ *Liberté I*, Paris, Le Seuil, 1964, p. 297.

palavras, um autor e uma obra, mais ainda do que a personagem oficial ou o homem de Estado que, pela natureza das suas responsabilidades políticas, manteve relações com os seus homólogos portugueses.

“Uma gota de sangue português...”

Para provar a sua mestiçagem biológica senegalo-portuguesa, Senghor apresentou frequentemente uma prova patronímica, se assim podemos dizer (apesar de numerosos historiadores da África Ocidental recusarem esse argumento). Essa mestiçagem, escreve ele, é “provada por *Senghor*, o meu nome de família, que vem do português *senhor*, e pelo nome da minha cidade natal, *Joal*, que em Portugal é um apelido.”¹

Nascido efectivamente em Joal, na “Petite côte”, cerca de cento e vinte quilómetros a sul de Dacar, pertence a uma região, o Sine, e a uma etnia, os Sereres, que se relacionaram com os navegadores portugueses logo desde os seus primeiros contactos com a África negra. Num poema da obra *Lettres d’hivernage*, a enumeração dos “*esplêndidos nomes dos fortes brancos*” construídos pelos portugueses inspira um sentimento de nostalgia em que a “*doçura*” e o “*fervor*” acabam por abolir o tempo e o espaço:

*“Je pense à toi. Popenguine Rufisque et Toubab-Dyalaw,
Joal Portudal Palmarin (...)
Mon nom qui songe, la goutte de sang portugais, haïe chérie,
Oh! Qui danse les vieilles saudades (...)
Saudades des temps anciens, et la brise était fraîche et l’hivernage humide(...)”*²

“*A presença africana*”, para retomar uma das suas imagens, na qual Senghor mergulha desde o nascimento, é portanto também uma presença portuguesa. O cenário de “*reino da Infância*” transporta marcas e memória da “*epopeia lusitana*”. Durante a sua viagem de 1955 a Portugal, que inspirou o poema “*Élégie des Saudades*” (publicado em 1961 em *Nocturnes*), Senghor viveu extasiado a sua visita à Universidade de Coimbra

¹ Carta de 4 de Maio de 1991 a Janet VAILLANT, *ibid.*

² “*Sur la plage bercée*”, *OP*, p. 238.

(“Reencontrei o meu sangue, descobri o meu nome no outro ano, em Coimbra, na selva dos livros”), mas a passagem por Lagos, “ouvert sur la mer (...)/Une seule mer aux quatre distances”, fá-lo regressar ao país natal. De facto, Lagos, como ele bem o sabe, serviu de base operacional ao Infante D. Henrique, o Navegador. Foi daí que partiram Gil Eanes, que se atreveu a dobrar em 1434 o Cabo Bojador, que até então aterrorizava os navegadores; Dinis Dias, que, em 1444, descobriu a foz do Senegal e as ilhas de Cabo Verde; Álvaro Fernandes, que passou em 1448 o Cabo Naze, o “Cabo dos Mastros”, perto de Joal, não deixando de erigir aí um padrão¹; Alwise Ca Da Mosto, que, em 1455, passou vinte e oito dias junto do *damel* (rei) de Cayor, um reino costeiro do Senegal, antes de explorar as embocaduras dos rios Saloum e Gâmbia; Diogo Gomes, que, no ano seguinte, penetrou no interior das terras até ao extremo do país mandinga...

A implantação dos portugueses na “Petite côte” é quase contemporânea destas sucessivas incursões: Rufisque, Portudal e Joal, cujos nomes são “*agradáveis ao coração e ao ouvido*” do poeta, nasceram assim da vontade dos portugueses de disporem de locais de tráfico e de aguadas em cada um dos reinos locais, o Cayor, o Baol e o Sine, respectivamente.

É preciso lembrar: “O Senegal é o país em que os europeus, desde as primeiras explorações da costa africana, estabeleceram relações comerciais e criaram as suas primeiras feitorias.”² Pelo seu local de nascimento e pelo nome que usa, Senghor pode portanto reivindicar a sua pertença a uma antiquíssima “lusitanidade” e advogar a favor da mestiçagem cultural, senão mesmo biológica.

Aliás, não deixou de recordar, como já vimos, a origem portuguesa do seu nome:

“J’écoute au fond de moi le chant à voix d’ombre des saudades.

Est-ce la voix ancienne, la goutte de sang portugais qui remonte du fond des âges?

Mon nom qui remonte à sa source?

¹ Fonte: Adama DIOP, “Caractères et signification spatio-temporels du patrimoine bâti et des vestiges archéologiques lusitains en Sénégambie aux XV-XVIIe siècles”, Actas do Primeiro Congresso do Património Lusitano Construído no Mundo. Fundação Calouste Gulbenkian. 23-27 de Março de 1987, Lisboa. Pp. 10 e ss.

² Mamadou DIARRA. *Le Sénégal, concession royale. Histoire de la colonie*. Dacar, Les Nouvelles Editions Africaines, 1973, p. 13. Note-se que é pelo nome “Portugal”, adulterado para “Tougal”, que os wolofs do Senegal continuam ainda hoje a falar da Europa e, conseqüentemente, da França. A língua comum mantém assim a memória do encontro, há quase seis séculos, entre a Europa branca e a África negra.

*Goutte de sang ou bien Senhor, le sobriquet qu'un capitaine
Donna autrefois à un brave lapot?...¹*

Nos textos de reflexão ou nos discursos públicos, não hesita em falar sempre da sua suposta ascendência portuguesa ou a acrescentar mais pormenores a esse assunto. Foi assim que, na sua alocução de abertura do Congresso de Estudos Mandingas na Universidade de Londres, a 3 de Julho de 1972, recordou, não sem ironia para consigo mesmo: “Linguista incipiente, fiz um dia notar [ao meu pai], um ano antes de ele morrer – foi talvez o que acabou com ele -, com um sorriso respeitoso, que o Gabu se situava na Guiné portuguesa e que o nome Senghor, ou Senhor, me parecia mais português do que malinqué: era sem dúvida uma alcunha dada a um mercenário!...”² Durante uma conversa com Mohamed Aziza, em 1979, declara: “Os Senghor encontram-se sobretudo em Casamansa, na fronteira da antiga Guiné portuguesa, e uma parte de Casamansa, como se sabe, é uma antiga colónia portuguesa, cedida por troca à França [a 12 de Maio de 1886]. Senghor vem do português Senhor, e provavelmente por isso é que tem um “h”. Portanto, significa “Senhor”. Devo ter uma gota de sangue português, pois o meu grupo sanguíneo é A, frequente na Europa, mas raro na África negra.”³ Na obra *Ce que je crois* (1988), faz questão de destacar uma vez mais a origem portuguesa do seu nome, “sem falar das gotas de sangue português, que, no fundo das [suas] veias, cantam nostálgicas saudades.”⁴

Sem questionar a autenticidade desta ascendência lusitana, faremos porém notar que, por recordação ou por pretensiosismo, os habitantes da “Petite côte” parecem ter tido sempre gosto por patronímicos portugueses. Já o padre Boilat o notava na sua visita a Joal, em 1846: “Joal é a única cidade”, comentava ele, “que conservou memórias do cristianismo em toda esta costa até à Gâmbia. Alguns negros, habitantes dessa zona, dizem-se portugueses e ainda dão nomes portugueses a alguns dos filhos.”⁵

¹ “*Elégie des Saudades*”, *OP*, p. 203.

² *Liberté* 3, Seuil, 1977, p. 337. O Gabu é um reino do nordeste da Guiné-Bissau fundado por um dos chefes do exército do imperador Soundjata de onde os Mandingas partiram no século XIII para fundarem, no território que é actualmente o Senegal, os reinos de Sine e de Saloum.

³ Léopold Sédar SENGHOR. *La Poésie de l'action. Conversations avec Mohamed Aziza*. Paris, Stock, 1980, p. 32.

⁴ *Ce que je crois*. Paris, Grasset, 1988, p.10

⁵ David BOILAT. *Esquisses sénégalaises*. Paris, Karthala, 1984, p. 99. A edição original foi publicada em 1853.

Mas, de resto, que importa a verdade da origem? Que importa que o antepassado distante e para sempre misterioso fosse um senhor de terras, um marinheiro senegalês ou um mercenário? O que interessa a Senghor é recuar o mais possível no tempo, até à nascente mais distante, até à mais profunda raiz. E verificar então que é o produto de uma mestiçagem biológica e cultural e simultaneamente o herdeiro de duas antiquíssimas tradições, o descendente dos primeiros europeus a instalarem-se na África negra e o descendente daqueles sereres, “*o sal dos povos salgados*”, que, vindos do Alto Nilo em tempos muito recuados, souberam preservar através da História a força e a pureza dos seus valores sociais e das suas tradições animistas.¹

Somos enfim levados a pensar que, ao apresentar-se como “*um mestiço senegalo-português*”, Senghor se sente também duplamente eleito e duplamente legitimado para preconizar a mestiçagem das raças e sobretudo das culturas.

Senghor, poeta da Saudade

Será então por atavismo ou por causa dessa “*razão intuitiva*” que caracterizava, segundo ele, o génio negro que Senghor manifesta uma compreensão tão grande da cultura portuguesa?... Ao modo especificamente português de conceber o mundo, de o compreender e de o exprimir dedica vários textos que exprimem um conhecimento simpático, uma compreensão “negra”, isto é, de participação, “*sem cesura nem costura*”.

As suas análises tão subtis, as suas considerações tão penetrantes explicam-se sem dúvida pelas diferentes viagens que permitiram ao “poeta-presidente” senegalês descobrir Portugal e os seus habitantes. Já mencionei a viagem de 1955, que foi particularmente importante, visto ter tido o efeito de uma revelação e por ter inspirado a “*Élégie des Saudades*”. Mas convém mencionar igualmente, embora se tenham desenrolado em

¹ Foi por conhecer “de dentro” a civilização serere que Senghor se insurgiu, com dezasseis anos, contra o desprezo cultural do director do seu colégio-seminário, o Padre Lalouse, que recusava que os africanos negros pudessem ter qualquer cultura. O inquérito etnológico que L. AUJAS publicou em 1931 sobre “Os sereres do Senegal” (“*Bulletin du Comité d’Études Historiques et Scientifiques de l’AOF*”, Tomo XIV, nº3) forneceu-lhe aliás os fundamentos da sua reflexão sobre “*o contributo do homem negro*” e confirmou-o numa negritude anti-assimilacionista.

contextos diferentes, a viagem de Janeiro de 1975, durante a qual Senghor pronunciou, na Academia das Ciências de Lisboa, um importantíssimo discurso, “Lusitanidade e Negritude”, ao qual ainda voltaremos; a de Junho de 1980, motivada pela presidência de um colóquio sobre a mestiçagem que teve lugar na Universidade de Évora; e finalmente a de 1988, a última, por ocasião de um Congresso sobre as humanidades greco-latinas e a civilização do Universal, ao qual presidiu, na Universidade de Coimbra.

A enorme compreensão da cultura portuguesa de que Senghor dá mostras beneficiou também de um certo número de amizades. Estas fizeram-no compreender e, mais ainda, amar Portugal e, para além dele, a “*lusitanidade*” e a lusofonia. Vou mencionar apenas alguns nomes, pedindo desde já desculpa a todos aqueles e aquelas que podiam legitimamente aspirar ao direito de serem aqui evocados.

Parece-me importante recordar a amizade de Humberto Luís Barahona de Lemos, a quem dedica a “*Élégie des Saudades*”. Professor e alto funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros português, conheceu Senghor em 1955, e a amizade dos dois ficou reforçada, alargando-se às suas esposas, durante uma missão de três meses que Humberto de Lemos efectuou em Paris, em 1957. Em nenhuma das suas visitas a Portugal Senghor deixou de fazer uma visita privada à família Lemos e só a sua morte, a 20 de Dezembro de 2000, pôs termo às relações deles. O poeta Armand Guibert, que dedicou dois ensaios críticos à poesia de Senghor, foi certamente o seu iniciador na literatura portuguesa. Publica no mesmo ano, em 1961, na colecção “*Poètes d’aujourd’hui*” (Pierre Seghers Editeur) um *Léopold Sédar Senghor* e um *Fernando Pessoa* e é ele também o autor do capítulo “Portugal” da obra *La littérature contemporaine à travers le monde*, publicada pela Librairie Hachette igualmente em 1961.¹ Poeta e diplomata, Augusto Seabra foi igualmente um dos seus “passadores de lusitanidade” aos quais Senghor foi certamente

¹ Armand GUIBERT é na altura próximo de L. S. Senghor e dedicar-lhe-á, aliás, um segundo estudo em 1962: *Léopold Sédar Senghor. L’Homme et l’oeuvre*. Paris, Présence africaine.

sensível e que alimentaram as suas reflexões sobre o “*espírito-cultura*” português². E que teríamos de dizer das “afinidades electivas” que uniram, através da mediação de

Gérard Bosio, Senghor a Helena Vieira da Silva? As três gravuras originais que a pintora realizou mais como ressonância do que como ilustração para o poema “*Élégie pour Philippe-Maguilen Senghor*” bastam por si sós para exprimirem a força e a vastidão dessas afinidades³.

Mas como olhava Senghor para a “*Civilização portuguesa*”?

É no longo e belo texto que pronuncia a 29 de Janeiro de 1975 na Academia de Ciências de Lisboa que ele evoca com mais subtileza os laços que unem “Lusitanidade e Negritude”, para retomar o título que deu ao texto, com vista à publicação no quinto e último volume da série *Liberté*.⁴

Vamos recordar aqui os seus pontos essenciais.

Constatando que a “*Civilização portuguesa*” é por excelência uma civilização mestiça, Senghor situa desde logo o seu objectivo na perspectiva de ver um dia emergir “*uma comunidade cultural luso-afro-brasileira*”. Recorda a importância do afluxo de sangue negro dos “*países da Guiné e do Congo*” até à sociedade portuguesa, assim como a originalidade de Portugal, que soube sempre colocar-se “*no cruzamento dos caminhos e das raças*”.

No povo português vê “*um povo rude e laborioso*”, simultaneamente guerreiro e trabalhador, que se distingue por um “*espírito de aventura [feito de] coragem ao serviço de uma mistura de inteligência e de fé*”. Aí reside sem dúvida a ideia saliente: os portugueses foram “*Descobridores*” e não “*Conquistadores*” e a epopeia da sua “*Aventura*” abriu os caminhos do mundo moderno.

Senghor admira-se porém com a aparente contradição entre, por um lado, a impaciência dos limites que leva os portugueses a abrirem-se ao mundo e, por outro lado, as qualidades de coração que conduzem a um retraimento íntimo: entre a audácia de

² Cf. Augusto SEABRA: “*Senghor et le Portugal*”, *Présence Senghor. 90 écrits en hommage aux 90 ans du poète-président*. Paris, Presses de l’ UNESCO, 1997, pp. 216-219.

³ *Élégies majeures*, Seuil, 1969, Ed. G. Jeanne Bucher.

⁴ *Liberté 5*. Paris, Seuil, 1993, pp. 53-67.

empreender e o receio de incomodar: “*Que estranho povo é o povo português, e todo feito de contrastes. Ao lado da energia lusitana, feita de vigor e de coragem, de paciência, ou mesmo de obstinação, encontramos a delicadeza como segunda característica, como segunda chave do carácter étnico.*” E atribui essa “delicadeza” à generosidade de um povo que soube fazer do seu país uma terra de acolhimento, “*a grande arca dos fugitivos*”, nas horas trágicas da história da Europa.

Senghor lança-se então num exercício de humanismo comparado entre os valores civilizacionais portugueses e negro-africanos para demonstrar o seu parentesco ou a sua complementaridade. A análise da “*tristeza dos portugueses*” condu-lo no entanto a interessar-se igualmente pela sua “*doçura*”, pela sua “*ternura*”⁵ e, com uma atenção muito particular, pela saudade. Continuando uma análise à qual já se entregara a 20 de Setembro de 1964, na Academia Brasileira de Letras⁶, faz uma análise subtil da polissemia desta palavra – voltarei a esta questão – antes de assinalar: “*Se tanto insisti nesta palavra, isso acontece porque ela é, mais uma vez, juntamente com delicadeza, a palavra mais característica da língua, do temperamento e, portanto, da personalidade portuguesa de base. É o sentimento de incerteza e de angústia que nos oprime perante o mistério da vida: seres e coisas.*” E passa a sublinhar a velada ligação com a África negra: “*Em última análise, nos dois povos, igualmente dotados do sentido nocturno, trata-se da intuição do mistério diante do Amor, do Casamento, da Guerra, da Morte: diante de todas as coisas essenciais. O que nos conduz à poesia.*”

E é exactamente por aí, pela poesia “*que conjuga todas as artes*”⁷, que Senghor é profundamente atraído pela língua portuguesa. Com efeito, vê nela “*uma língua de poetas, a menos europeia das línguas românicas*”, visto ser a mais rica em empréstimos negro-africanos e árabe-berberes: “*Língua rica e complexa, portanto, nobre e popular, que pode exprimir todos os movimentos da alma e todos os frémios da carne, alternadamente*

⁵ São essas qualidades eminentemente portuguesas que o seduzem na pintura de Vieira da Silva: “*Vieira é uma portuguesa e, para mim, isso é muito importante (...) [Ela] ficou muito portuguesa pela sua sensibilidade, pela sua doçura e pela sua ternura.*” Comentário de Senghor no filme de Nat Lichenstein (concebido por Gérard Bosio), *Une pierre sur le sable* (1976).

⁶ Retomada sob o título “*Le Brésil dans l’Amérique latine*” em *Liberté 3*, pp. 27-30.

⁷ *Liberté 3*, p. 512.

torrente e nascente, tornado e alísio, golpe e carícia, brilho e mistério, claridade e cambiante, violência e doçura.”

Só um poeta como Senghor pode falar assim de uma “*língua de poetas*”, descobrir nela as potencialidades de expressão, captar-lhe as riquezas sonoras. Mas eu fico sempre surpreendido com a ligação, não explicitada e talvez inconsciente, que ele estabelece de facto com a língua francesa. Retomando uma expressão de Jean Guéhenno,

vê com efeito nesta última “*uma língua de gentileza e de honestidade*”⁸ que me parece próxima da “*delicadeza*” do português e sobretudo celebra as virtudes poéticas da língua francesa em termos muito vizinhos do texto que acabo de citar: “*O francês é como os grandes órgãos que se adequam a todos os timbres, a todos os efeitos, das mais suaves doçuras às fulgurações da tempestade. É, sucessivamente ou ao mesmo tempo, flauta, oboé, trompete, tantã e até canhão.*”⁹

Em todo o caso, a “*Élégie des Saudades*” constitui um belo exemplo da simbiose luso-afro-francófona, de uma “*obra de Beleza*” cujo resultado formal provaria, se fosse preciso, as teorias sobre a mestiçagem cultural que o seu autor desenvolve noutras obras.

Este poema merece ser examinado em pormenor, de tal modo é revelador das conviências profundas entre a sensibilidade do poeta senegalês e a “*alma portuguesa*”.

Assimilando os processos expressivos e a variedade de registos que a saudade lhe oferece, Senghor mostra com efeito a exacta adequação desta forma de poesia a uma certa forma de “*emoção negra*”. “*Nostalgia dos entes queridos*”, “*recordações da pátria ausente*”, a saudade é por excelência poesia da Ausência e do Exílio. Por isso exprime da melhor maneira as vozes profundas da poesia de Senghor. Poesia que, retomando uma imagem de Mallarmé, parece “*cavar em si mesma*” à procura de verdades essenciais, de sombras que é necessário, como um novo Orfeu, trazer até à luz.

“*Saudades das saudades [do poeta]*”, a “*Élégie*” abre e fecha com dois versos aparentemente similares, mas cujas modificações no segundo são suficientes para exprimir as vertigens de introspecções “*nocturnas*”: “*Jéécoute au fond de moi le chant à*

⁸ Jean GUEHENNO. *La France et les Noirs*. Citado por Senghor no posfácio de *Ethiopiennes*, OP, p. 166.

⁹ *Ibid.*, p. 167.

voix d'ombre des saudades... J'écoute au plus profond de moi la plainte à voix d'ombre des saudades."

Imbuído de uma tristeza doce e dolente própria da “personalidade portuguesa”, é o poema de uma impossível busca identitária. Nele se exprime uma nostalgia sem fundo acompanhada do sentimento renovado da ausência: “... [le] vide immense et rouge de l’Imerina...”. Este topónimo não tem aqui valor de localização, mas de denominação de um vazio central: tal como Imerina fica no centro de Madagáscar, a Imerina interior do poeta exprime um vazio ontológico, vermelho como o sangue, vermelho como África. Escapando a uma temporalidade estabelecida com precisão, a recordação que se impõe então à sua memória assemelha-se ao fausto cerimonial de um poema de Saint-John Perse – “*Une soirée lors en l’honneur de l’Hôte, chez le Seigneur des Hauts Plateaux...*” -, mas as imagens que o acompanham são brutalmente interrompidas pela tristeza infinita dos cânticos evocativos de um mundo desaparecido para sempre e inacessível. A descida aos abismos da nostalgia provoca o desespero, um mal-estar que chama a morte. Aos “*coeurs abîmes de vertige*” sucede “*[une] plainte qui s’abîme dans le coeur*”. As saudades são assim, neste poema, aspiração ao Nada: “*le vide immense et rouge*” acaba por se transformar no “*vide immense et noir*”, a Imerina rodeada de montanhas de sangue e fogo numa metáfora da Ausência e a “*Élégie*” numa desesperante epopeia que só o Amor acaba por salvar: “*L’Amour est ma merveille*”.

Cânticos misturados e “cânticos de sombra”, a “*Élégie des Saudades*” exprime uma introspecção sem fim nem fundo nos “*lointains intérieurs*” do poeta, “*dans la mer de [sa] Négritude*” - mas essa introspecção de onde saem, inextricavelmente confundidos, “doloir” e nostalgia transforma o “*canto*” num “*lamento*” sem fim: “*J’écoute au plus profond de moi la plainte à voix d’ombre des saudades.*”

Nostalgia de um passado perdido para sempre mas também aspiração a um ideal de beleza, de harmonia e de paz; expressão das profundezas de uma consciência individual, mas também rememoração de um passado colectivo; canto solitário, mas também solidário, a saudade que ele vai buscar à “*Civilização portuguesa*” é assim expressão do ser integral do poeta e da sua “*Négritude*”: “*A vossa saudade*”, observa ele

a um auditório brasileiro, “*é a expressão do nosso próprio sonho, dos homens e mulheres do Terceiro Mundo; é a nossa poesia.*”¹⁰

Lusitanidade, Negritude e civilização do Universal

Esta última citação exprime a convicção de Senghor na vocação universal da Lusofonia.

Antes de evocar a sua concepção e o seu sonho de uma “*civilização pan-humana*” formada pela convergência dos contributos culturais de “*todos os povos de todo o planeta Terra*”, parece-me oportuno recordar aqui que o humanismo de Senghor, frequentemente criticado, dedicou-se de modo concreto a abrir caminho a esse ideal de paz e de fraternidade. O Senegal do presidente Senghor quis ser também, a exemplo de Portugal, “*a grande arca dos fugitivos*”. A “*Teranga*” senegalesa permitiu assim acolher os guineenses que fugiam do regime de Sékou Touré, os haitianos perseguidos por Duvalier e pelos seus “*Tontons Macouttes*” e também os cabo-verdianos que tentavam escapar à miséria.

Pode também pensar-se que a grande estima em que Senghor sempre teve a civilização portuguesa e a sua convicção de que esta tem a missão de não ficar de fora do “*encontro do dar e do receber*” das culturas mundiais – imagem que foi buscar a Césaire – explicam em larga medida a ajuda efectiva que sempre tentou pessoalmente trazer a Portugal no seu trabalho de descolonização. Quando Mohamed Aziza o questionou sobre as suas relações políticas com Portugal, respondeu: “*Sempre apoiámos a luta dos movimentos de libertação das antigas colónias portuguesas. Foi o primeiro elemento das nossas relações com Portugal. Amílcar Cabral era um grande amigo. (...) Já falei do meu encontro secreto com o general Spínola, de onde resultou o movimento de descolonização portuguesa. Não vou repeti-lo. Se hoje o Senegal atribui uma importância particular à cooperação luso-senegalesa, se abrimos uma embaixada em Lisboa foi, bem entendido, por essas razões, mas também por causa das relações que ligam o Partido Socialista do Senegal ao Partido Socialista*

¹⁰ *Liberté* 3, p. 29.

português, sem falar da amizade que me liga pessoalmente a Mário Soares desde antes da “Revolução dos Cravos”.¹¹

Mário Soares empenhou-se justamente em saudar por seu lado a amizade activa de Senghor: “Logo a seguir à Revolução dos Cravos em Portugal, em 1974, estabeleci contactos com ele em Paris, a fim de iniciar o processo de descolonização que conduziu à independência das colónias portuguesas de África. Foi em Dacar, e sob a égide do presidente Senghor, que teve lugar, em Maio de 1974, o primeiro encontro entre um representante do novo regime português (no caso, eu próprio, enquanto ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal) e o representante de um dos movimentos africanos de libertação nacional, o responsável do PAIGC, Aristides Pereira.”¹²

Não é portanto surpreendente que Senghor, convidado para as cerimónias do primeiro aniversário dessa Revolução, tenha recebido, em resposta ao seu empenhamento, a homenagem unânime dos partidos políticos portugueses!

O seu sonho de poeta “caído na política” de ver a Terra ser um dia enlaçada por “um cordão de mãos fraternas”¹³ exprime-se na sua visão utópica da “civilização do Universal”. Para atingir “o Humanismo integral” que consagrará esta última, os portugueses são chamados a desempenhar um papel importante: eles realizaram, lembra Senghor, “depois da mestiçagem biológica, a mestiçagem cultural, na antiga Lusitânia, antes de ajudar a realizá-la no Brasil e em África”¹⁴. E essa missão histórica de Portugal será concretizada graças à língua: língua veiculadora de culturas mestiças e portanto de um humanismo com uma vocação verdadeiramente universal; língua já presente em todos os continentes; e finalmente, língua, como vimos, de poetas, isto é, apta a explorar todos os recantos da condição humana. Concepção que levou o chefe de Estado senegalês a

¹¹ *La Poésie de l'action, op. cit.*, pp. 324-325.

¹² Mário Soares: “Senghor, défenseur de la civilisation de l’Universel”. Homenagem prestada por ocasião do colóquio “Senghor, l’humaniste africain” (Asilah, Marrocos. 13 a 15 de Agosto de 1990). Retomado em *Senghor, l’humaniste africain*. S. l., Edifra, Marrocos, p. 68.

¹³ “Prière de paix”, *Hosties noires, 1948*. P. 96.

¹⁴ *Liberté 5, op. cit.*, p. 64.

incentivar o ensino da língua portuguesa e conduziu as culturas lusófonas ao grupo das “humanidades” indispensáveis à educação dos cidadãos da Cidade ideal de amanhã.¹⁵

Olhando mais de perto, apercebemo-nos mais uma vez da coerência do pensamento de Senghor. E, no caso presente, da aliança que ele julga necessária entre as línguas francesa e portuguesa. Aspira de todo o coração a vê-las associadas no seio do conjunto das línguas neolatinas – a “*Latinofonia*”, arrisca-se ele a dizer – que será por sua vez integrado num mundo desejoso de diversidade cultural e linguística.¹⁶ Porque “*a lusitanidade*” e “*a francidade*” são valores insubstituíveis, pedras vivas que edificarão a Cidade de amanhã, riquezas a partilhar com os outros povos da Terra. Senghor não tem qualquer dúvida de que Lusofonia e Francofonia, herdeiras do mundo greco-latino, são “*modelos e motores*” da civilização com que ele sonha: pilares do “*Humanismo do Universal*”.¹⁷

Esta “*simbiose das diferenças culturais*” que Senghor nunca deixou de reclamar com toda a sua alma não é no entanto uma visão teórica. Deve-se ao génio português tê-la delineado, contribuindo para a eclosão do milagre brasileiro: “*Foi através da mestiçagem, não apenas na carne, mas em espírito, que os portugueses do sonho sebastianista se tornaram nos brasileiros de hoje: um dos dois Grandes do Novo Mundo (...). Confirmando o milagre, a UNESCO apresentou-nos, já há muito tempo, o Brasil como modelo a seguir da Civilização do Universal; e, nesse sentido, elaborou o projecto do Diálogo das Culturas.*”¹⁸

Assim, é precisamente por ser a prefiguração de um mundo rico neste diálogo de culturas e na partilha destas últimas que o exemplo brasileiro permite a Senghor defender

¹⁵ “*Agora podem compreender a razão pela qual, depois da independência do Senegal (...), introduzi o ensino do português não só nas escolas secundárias, mas também na Universidade de Dacar (...).*” *Liberté 5*, op. cit., p. 66.

¹⁶ A recente adopção pela UNESCO, com uma maioria muito alargada, de um projecto de convenção sobre a diversidade cultural inscreve-se hoje na herança de Senghor: os pensamentos visionários do poeta assumem hoje a forma das nossas esperanças.

¹⁷ “*Se quisermos realmente concretizar não só a única Civilização, mas o Humanismo do Universal temos de inserir a Francofonia num conjunto mais vasto que juntará todas as nações que utilizam uma língua neo-latina ou o grego (...). Uma vez concretizada, a Francofonia teria de ser inserida, por sua vez, numa associação dos países ou dos grupos de países de língua neo-latina.*” *Ce que je crois*, op. cit., p. 187.

¹⁸ *Liberté 5*, op. cit., p. 66.

a causa de uma “*comunidade cultural luso-afro-brasileira*” alargada, no momento em que fala disso às antigas colónias portuguesas então já independentes.

Na homenagem que lhe prestou no seu nonagésimo aniversário, Augusto Seabra conta a visita que fez com ele, em 1988, ao Mosteiro da Batalha: “*Enquanto passeávamos (...) no recinto do mosteiro (...), pudemos ver as lágrimas a surgirem-lhe, por trás dos óculos. Por entre longos silêncios, falava-nos abertamente (...) da arte portuguesa, que, tal como a língua e a poesia, “une harmoniosamente a liberdade e as regras, a ternura e o esplendor”. Esse era precisamente, dizia Senghor, o intuito da mestiçagem: “resolver as contradições não pela violência do confronto, mas pela doçura da simbiose”.*”¹⁹

“...*A doçura da simbiose*”: todo o humanismo de Senghor se exprime nesta fórmula. É esse o caminho que ele sempre defendeu e que ele próprio seguiu à custa de um esforço constante. Com efeito, não é verdade que confessou que “*toda a [sua] vida tentara conciliar Negritude e Francofonia*”, exigência de enraizamento e desejo de abertura?

“...*A doçura da simbiose*”: para ele, aí reside seguramente a força do exemplo português. E a sua grandeza também, que é transmitir ao mundo que apenas a mestiçagem cultural é garante dessa “*convergência para o Universal*” que verá finalmente a aventura humana desabrochar numa comunidade de esperança e de destino.

¹⁹ Augusto SEABRA, *op. cit.*, p. 219.